

## Entrevista com Leonor Moreira

# A Revista é uma bandeira

*A Leonor Moreira é uma pessoa muito conhecida. Dentro e fora da APM. Foi a primeira directora da Educação e Matemática e esteve nos momentos iniciais da criação da APM tendo pertencido à primeira direcção que integrou no ano de 1986-87.*

*É uma professora com larga experiência no ensino da Matemática do então chamado Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Os manuais que elaborou de parceria com Leonor Filipe marcaram uma época e tornaram-na conhecida, muito especialmente entre os professores desse ciclo de escolaridade. Foi também orientadora pedagógica nos anos da profissionalização em exercício e, em 1989, terminou o curso de mestrado na Faculdade de Ciências de Lisboa, na área do ensino da Matemática.*

*Há quatro anos, Leonor Moreira partiu para o Algarve. Hoje é professora de Matemática na Escola Superior de Gestão Hoteleira e Turismo da Universidade da região. Vive assim uma experiência diferente, e, passados os primeiros anos "um bocado violentos" e "difíceis", como nos disse, está entusiasmada com o trabalho que desenvolve. Entretanto, prepara o lançamento de uma revista da escola a que pertence. "Dos Algarves", é o título, e está para breve o primeiro número.*

*Agradecemos à Leonor ter acedido conversar connosco sobre a revista que ajudou a criar. A entrevista que a seguir apresentamos foi conduzida por Alexandra Pinheiro, Helena Lopes e Henrique Manuel Guimarães e é a primeira de uma série que pensamos publicar durante este ano, a propósito dos dez anos da Educação e Matemática.*

Educação e Matemática - Como te dissemos, foste escolhida por teres sido a primeira directora da revista, cargo onde estiveste quinze números. Não sei se estás lembrada?

Leonor Moreira - Exactamente, vi ontem (risos). Fui ver as primeiras revistas pois havia algumas coisas de que já não me lembrava e então verifiquei que apareço, como directora, em quinze números.

E.M. - Talvez fosse interessante que tu pudesses dizer-nos, um pouco, como é que viveste essa experiência... Uma experiência longa, pois, parecendo que não, numa revista com trinta e seis números, quinze é quase metade.

L.M. - Foi uma experiência gira, sobretudo pelo sentimento de que estava a fazer qualquer coisa que começava do zero, não é? Vivi isso como um desafio e com o encantamento de quem está, juntamente com as outras pessoas claro, a criar qualquer coisa que nasce do zero, onde não há nada feito, em que é preciso fazer tudo. É claro que também há tarefas chatas, como aquelas coisas burocráticas, de registar não sei o quê e ir não sei

aonde, fazer mais qualquer coisa, etc. São os aspectos menos ricos.

Eu vivi isso com uma grande envolvimento e aceitei essa missão, digamos assim, como um desafio e com tudo o que está à volta dos desafios que é a pessoa empolgar-se e desejar fazer... Isto em relação ao nascimento da revista. Como directora, bom, eu penso que o trabalho era de equipa. Não havia propriamente um trabalho da redacção e um trabalho da directora. Penso que era um trabalho mais ou menos colegial, embora às vezes tivesse que tomar decisões, porque era eu que tinha mais contactos com a empresa onde a revista era composta. Mas a concepção dos números era muito a partir de um certo *brainstorming*, com todos à volta de uma mesa, numa grande tertúlia (risos), trocando impressões, pondo ideias na mesa. Daí nascia o número, era concebido assim. Às vezes as pessoas traziam ideias de casa, como é que devia ser...

E.M. - Já havia nessa altura, como há hoje, dificuldade em obter artigos para a revista. Como é que conseguiam...?

L.M. - Sim claro, havia. Há muito pouca gente a escrever, há mais

gente a consumir. Portanto, houve sempre essa dificuldade. Mas, das reuniões que nós fazíamos para conceber o número, saía logo a ideia de contactar A, B, e C para escreverem artigos. Depois, os próprios elementos da redacção encarregavam-se de fazer alguns e, por vezes, à última da hora, era preciso preencher um espaço e alguém fazia isso... Às vezes era eu. Ai funcionava um bocado como directora, porque já não ia submeter essa decisão ao colectivo da redacção.

E.M. - Por acaso recordas algum episódio particularmente gratificante nesses anos?

L.M. - Era sempre gratificante ver sair o número, não é? Ver sair o número, a revista ainda a cheirar a tinta e... sei lá... Cheguei a ir buscar os números acabados de imprimir e desfolhava... embora não lesse. Nessas alturas não lia a revista porque já estava farta dela (risos). Deitava revista pelos cabelos. Lia mas de outra forma. Como quando se lê um artigo para ver se corresponde ao que se tinha pedido. Ou, sendo um artigo enviado espontaneamente, para vermos o seu interesse ou se havia alterações a fazer. E

depois a ver as provas... Estamos sempre a ler com um espírito diferente que não é o do leitor que recebe a revista, como eu agora recebo...

E.M. - Na caixa do correio...

L.M. - Na caixa do correio, às vezes dobrada. Lia com a atenção focada em determinados aspectos, não era a leitura que se faz desportivamente: "deixa ver o que é que este diz agora". Era mais uma leitura que funcionava como instrumento de análise dos trabalhos. Depois, quando a revista aparecia, o que me preocupava era "como é que está a capa?". A capa era a grande emoção — "como é que saiu a capa?" — era alvo de grande reflexão. E depois via como é que estava o interior, mas já não era capaz de ler, já estava farta daquelas coisas. É curioso, houve uma altura, logo a seguir a eu ter saído da redacção, que também não pegava na revista. Não sei se era uma reacção por ter saído. Eu saí por iniciativa própria, mas deve ter-me causado alguns problemas afectivos porque não conseguia ler a revista. Recebia-a e deixava-a um bocadinho de parte. Agora já leio novamente.

E.M. - Que papel e importância é que tu vês na revista para os professores de Matemática e, em particular, para os sócios da APM?

L.M. - Eu acho, e sempre achei, que é um instrumento extraordinariamente importante. Costumo dizer que, para mim, a revista é o "braço armado" da Associação (risos), no sentido em que é o instrumento mais importante e que chega mais aos sócios. Explicando melhor a minha ideia. O ProfMat, para mim, é um momento alto do ano associativo, digamos assim, porque as pessoas reúnem-se e aparece ali a súmula do trabalho que realizaram durante um ano todo. Mas isso acontece uma vez no ano, é episódico, enquanto que a revista chega quatro vezes ao leitor e, portanto, é a forma das pessoas terem uma ideia de como está a decorrer o trabalho em termos associativos. É a forma que as pessoas têm de partilhar as suas opiniões com outras pessoas, de pôr

o seu trabalho à disposição, de debaterem algumas coisas. Embora, como a gente sabe, haja pouco eco em relação ao que é publicado. Mas eu penso que as pessoas procuram avidamente a revista e encontram aí coisas que, sei lá, as pessoas de Lisboa têm acesso, mas as pessoas da província não têm. São reflexões sobre trabalhos que se estão a fazer, são relatos de experiências, uma série de coisas que, quem está na província, penso eu, tem muito pouca oportunidade de ver. E também em termos de materiais que alguém já experimentou e que chegam às pessoas. Reflexões que as pessoas não têm oportunidade de fazer por estarem sozinhas, não sei onde... Acho que é extremamente importante o papel da revista.

E.M. - Achas que a revista tem evoluído? Notas grandes diferenças entre o período em que estiveste na redacção e o actual?

L.M. - Há um aspecto que é nítido, que é a forma, digamos assim, o *look* da revista, que mudou. E acho que para melhor, nitidamente. A criação da terceira coluna deu outra dinâmica, possibilita muitas coisas. Pode-se manejar mais o texto, pode-se fazer aquele sublinhar de ideias fortes e eu acho que isso é giro e dá mais abertura ao texto porque a coluna não fica pesada, não fica cheia. Embora não goste muito das colunas não serem alinhadas à direita. Há quem diga que as colunas certinhas é muito militarizado, mas eu gosto mais. Em termos de capas, por exemplo, ontem estive a olhar com mais atenção e acho que os últimos seis números têm capas horrorosas, desculpem lá (risos). Em relação ao conteúdo, acho que ao longo do tempo, não tem havido uma demarcação nítida entre períodos, por exemplo, entre os sete primeiros números e os quinze ou os trinta seguintes. Acho que, ao longo da vida da revista, há números bons e há núme-



Foto: Henrique M. Guimarães

ros mais fracos, ou que a mim agradam menos, porque isso é muito subjectivo. Agora em relação às capas, não estou a gostar nada das...

E.M. - Dos últimos seis (risos).

L.M. - É que há capas lindíssimas. Estou a lembrar-me daquela revista temática dedicada à "História da Matemática" que tem uma capa lindíssima. E de uma outra que tem uma calçada portuguesa, uma calçada em sépia num fundo preto. Acho que já saíram capas lindíssimas.

E.M. - Falaste em números temáticos. O que pensas do facto de ter passado a haver um número temático anual, assumidamente temático, e até maior?

L.M. - Acho que é interessante. Acho que um número temático tem outras potencialidades que um número com artigos avulso não tem. Dá mais consistência aos artigos e pode-se tirar daí um maior proveito, porque há várias pessoas que se debruçam sobre o mesmo tema e que podem ter, eventualmente, opiniões diferentes. E têm muitos materiais sobre um mesmo tema. Acho que é importante.

E.M. - Voltando à questão de se conseguir a contribuição espontânea dos leitores da Educação e Matemática. Penso que a situação está um pouco melhor, mas também há muito mais sócios, muito mais leitores. Porque será que as pessoas têm dificuldade em enviar, espontaneamente, coisas escritas para a revista, sejam as simples cartas ao director ou à redacção, ou um artigo de duas, três, quatro páginas? Como é que tu

explicas isso?

L.M. - Pode haver vários motivos. Um deles pode ser a pouca tradição em escrever. Não é um hábito muito... usual. E, ainda por cima, escrever sobre o que se faz e sobre o que se reflecte acerca do ensino. Depois, se calhar, há também a dificuldade das pessoas em se exporem. Quando se escreve e se pensa que vamos ser lidos por três mil pessoas, a pessoa intimida-se um bocado e é natural. Estive numa reunião da revista, agora no último ProfMat, e houve lá alguém que disse: "eu não consigo escrever porque os artigos que aparecem na revista são todos muito acabados, todos muito bem escritos, todos com não sei quantas referências bibliográficas, e eu isso não sou capaz de fazer...". Portanto, a pessoa tem um certo receio de que o seu trabalho seja menor, tem alguma dificuldade em pôr cá fora... Pode haver alguma intimidação, embora eu não pense que se tenha que acabar com os artigos mais elaborados para que toda a gente possa escrever...

Eu respeito esta visão das coisas, compreendo-a, mas acho que não é impeditivo, ou pelo menos não devia ser impeditivo, porque cada um tem a sua própria experiência, a sua forma de comunicar essa experiência e devia comunicá-la de alguma forma. É isso que toda a gente está à espera, que a revista seja um espaço de debate, um espaço de diálogo, um espaço de partilha. Uma espécie de tertúlia escrita, digamos assim.

E.M. - Consegues ter alguma ideia de como se pode tentar contrariar isso?

L.M. - Se eu tivesse essa ideia (risos) já a teria posto em prática na altura em que estava na redacção...

E.M. - Mas já passou algum tempo....

L.M. - Não faço ideia. Não faço ideia de como é que isso se consegue. São muito poucos, como sabes, os trabalhos que aparecem espontaneamente. Há, talvez, a necessidade de aproveitar — e eu lembro-me que fizemos isso algumas vezes — as pessoas que fazem comunicações e chegarmos-nos ao pé dessas pessoas

e dizer: "olha, fazes um artigo para a revista a partir daqui?". Acho que se tem de estar em cima do acontecimento e pedir a essas pessoas, que já tiveram aquela grande atitude de se expor e dar aos outros a sua colaboração, que formalizem isso também de uma forma escrita, dando o seu contributo para a revista. Porque essas, já ousaram, digamos assim, portanto, é só dar uma outra forma. Depois há aquelas pessoas que escrevem sempre, se nós pedirmos....

E.M. - Tu há muito tempo que não escreves para a revista (risos)...

L.M. - Se calhar são os ares do Algarve que me fazem adormecer. Não, há vários motivos para isso. Para já, neste momento, não tenho muito para dizer... A partir de agora talvez, mas até aqui estava lutando contra a situação que vivia. Se calhar, talvez fosse interessante ter escrito sobre isso. Depois há outra história, eu acho que... Quando estava na redacção, depois da reunião que fazíamos para concebermos o número, eu ficava com algumas ideias na cabeça e escrevia, ficava entusiasmada. Agora estou longe... Talvez também aconteça um bocado por isso. A pessoa está longe da revista, não sabe que temas é que vão surgir e o que é que interessará mais e também se retrai um pouco: "será que neste momento será útil para..."

É evidente que há sempre a possibilidade de um artigo ficar em carteira e a redacção esperar uma oportunidade para publicar, mas penso que não saber o que se está a passar pode ser um elemento dissuasor. Quando pertencia à redacção eu sabia qual era a linha condutora do número, ou o tema, se era o número temático... Assim era mais fácil estar por dentro do quando se está longe. A pessoa pensa: "vou escrever, mas sei lá se vai interessar".

Se houvesse um anúncio, com alguma antecedência, sobre o que é que vai versar a revista, talvez as pessoas olhassem para o que estão a fazer ou para o que já fizeram e dissessem, "bom, isto talvez seja um bom contributo para a revista".

E.M. - Mas tu não achas que se as pessoas valorizassem, elas próprias, aquilo que estão fazendo, não precisariam de estar à espera que alguém reconheça essa importância? Se calhar, há muitas pessoas que não valorizam a sua própria prática, a sua própria experiência, e depois têm também tendência a dizer que ninguém vai achar interessante...

L.M. - Pois, se calhar....

E.M. - Tu dizes que agora estás numa posição de receber a revista como...

L.M. - Leitora...

E.M. - ...na caixa do correio. Que tipo de utilização fazes da revista, ou que tipo de leitura é que fazes?

L.M. - Eu sou muito conservadora em relação à leitura da revista. Não sou do tipo "deixa ver o que é que a revista tem, vou ler este autor porque é um autor idóneo, consagrado" (risos), ou vou ler aquele porque é uma pessoa de quem sou amiga e gosto de saber o que está a fazer. Não, sou muito conservadora. Vejo a capa, vejo se gosto e depois abro na primeira página e começo a ler desde aí. É evidente que posso desinteressar-me a meio e não ler até ao fim, mas não vou... Leio tudo, para aproveitar tudo o que a revista traz. Quando não me agrada assim muito, sou capaz de não ler até ao fim, mas sou conservadora, abro na primeira página...

E.M. - E vais até ao fim...

L.M. - Muito militarizada (risos).

E.M. - E de que tipo de coisas costumam gostar especialmente?

L.M. - Eu gosto de várias coisas... Gosto de artigos de fundo e que... analisam a aprendizagem e o ensino da Matemática, assim com grande abstracto. Gosto dos materiais, não me interessam particularmente, em relação à minha prática, mas gosto de ver que tipo de coisas se está a fazer, para ter uma ideia do que está a acontecer nas escolas e entre os sócios.

E.M. - E achas que a revista dá esse panorama, dá essa informação sobre o que está a acontecer nas escolas?

L.M. - Não sei, porque o número de

peças que escrevo é um bocado limitado. Não dará esse...

E.M. - Nunca achaste que o que acontece nas escolas é diferente da imagem que a revista dá, dos materiais que publica?

L.M. - Eu acho que é necessariamente diferente porque o número de pessoas que escreve para a revista é extremamente reduzido relativamente ao conjunto dos professores. Seria bom que a revista reflectisse o que está a acontecer nas escolas, mas



Foto: Henrique M. Guimarães

infelizmente nós sabemos que não é assim. Não sei se respondi à questão?

E.M. - Sim, sim... Não sei se isso é um ponto forte se é um ponto fraco...

L.M. - Quando eu digo que me interessa saber o que se está a fazer, não é em relação à totalidade do país. Refiro-me ao que determinada pessoa está a fazer ou ao que este grupo que trabalha para a revista, e que são quase sempre os mesmos, estão a fazer. Isso é importante para mim.

E.M. - Mas a revista devia reflectir um pouco o que se passa, ou não?

L.M. - Não, eu acho que...

E.M. - Ou deve ter uma posição "vanguardista"...

L.M. - Vanguardista, evidentemente.

Embora também pudesse ter o outro aspecto, não é? Se tivesse mais colaboradores ela deixaria transparecer um pouco o que se está a fazer. Mas eu acho que tem que ir à frente, tem que ser a bandeira...

E.M. - Ainda neste balanço do que gostas mais e do que gostas menos, globalmente ou relativamente a determinado período, queres dar exemplos de um ou dois pontos fortes ou pontos fracos da revista, quer em termos do seu aspecto, quer em termos do seu conteúdo?

L.M. - Pontos fortes e pontos fracos... É sempre difícil apontar pontos fracos a uma coisa de que a gente gosta. Pronto, eu gosto da revista e tenho uma certa dificuldade. Ainda há bocado disse que não estou a gostar das capas...

Acho que os números temáticos são sempre muito fortes porque realmente têm mais consistência. Há uma série de pessoas a debruçar-se sobre o mesmo tema, há várias opiniões, há várias formas de trabalhar o assunto na aula, etc. Eu acho que os números temáticos são sempre bons números.

E.M. - E achas que têm saído na altura certa, que têm sido pertinentes e actuais em relação às preocupações dos professores, dos sócios?

L.M. - Não posso falar em nome dos sócios, mas em nome pessoal. Eu acho que sim, que são oportunos e são sobre temas que interessam. Não são sobre temas que interessem pontualmente, são temas sempre ricos.

E.M. - Um ponto fraco, não queres mesmo dizer?

L.M. - Eu gosto de tudo, posso não gostar pontualmente de um artigo.

E.M. - Uma coisa que gostes menos...

L.M. - Eu vou dizer... Eu não gostei deste último número. Consigo dizer que não gostei de um certo número, agora dizer que ao longo dos vários números da revista não gosto deste ou daquele aspecto, é-me mais difícil de dizer. Não gostei do último número, porque... Atendendo ao número de pessoas que vai ao ProfMat e aten-

dendo ao número de sócios da revista, se calhar esse número não diz muito à generalidade dos sócios. A mim, apesar de lá ter estado, não me disse muito. Penso que é um pouco... chover sobre o molhado. Já aconteceu, já passou, não sei se é muito importante... não sei...

E.M. - Não era tanto isso. Claro que haverá sempre números que a pessoa gosta mais do que outros. O que queria era um aspecto que atravessasse a revista toda...

L.M. - Eu sei o que é que tu estás a perguntar, mas eu isso não te sei dizer porque eu gosto que haja secções, gosto que haja artigos que são mais de reflexão sobre o ensino aprendizagem da matemática, gosto de coisas que são mais práticas, de materiais. Eu gosto de tudo isso, portanto, não te posso dizer que haja um ponto fraco.

E.M. - E em termos de sugestões, em termos de perspectivas para o futuro?

L.M. - Isto é uma entrevista muito difícil (risos), porque eu esse tipo de coisas não sei...

E.M. - Por exemplo, coisas que tu achas que deviam aparecer com alguma regularidade e que não aparecem. Determinadas ênfases mais num assunto do que noutro, para procurar um equilíbrio, ou, ao contrário, inverter a situação. Que tipo de secções... natureza de artigos...

L.M. - Não sei... Não sei dizer... Eu não tenho esse... esse tipo de sentimento do que é que falta na revista. Leio-a e usufruo-a na medida do possível. Não costumo fazer esse tipo de balanço... se falta isto ou falta aquilo, e tenho dificuldade em fazer esse tipo de reflexão. Não tenho olhado para a revista nessa perspectiva, tenho-a olhado no sentido de "oh! que bom, chegou a revista, deixa-me cá ver o que é que traz desta vez!". Não tenho tido o sentimento de "deixa cá ver o que é que faz falta".

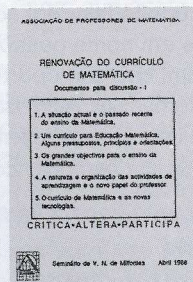
E.M. - Para acabar, queres acrescentar alguma coisa que não te tenhamos perguntado? Fazer alguma espécie de comentário, ou declaração, em jeito de remate?

L.M. - Eu, há pouco, disse que a revista, para mim, era o elo de ligação... Não usei estas palavras mas a minha ideia era esta, quando disse que a revista era o "braço armado" da Associação... É assim. Quando estive na primeira direcção eu tinha algumas ideias acerca do que devia ser a Associação e há alguns aspectos que ainda não falei e que são importantes, porque depois se devem reflectir na revista. Pronto, eu achava que a Associação, para além de ser uma tertúlia, ser um fórum, ser um espaço de debate para os sócios, de ser... um cadinho de ideias, sei lá, também devia ser... uma espécie de tribuna. Uma tribuna onde nós disséssemos aos políticos da educação: "os professores pensam assim e querem assim e acham que deve ser assim" e isso deve reflectir-se na revista. Eu acho que a revista tem que ser eco das posições que os professores têm e dessa vontade, e nós devíamos ter vontade de influenciar as decisões políticas relativamente à educação. Aliás, a Associação já fez isso algumas vezes quando organizou o seminário de Mil Fontes, onde eu por acaso não estive, mas que foi determinante. Foi um protesto, foi uma afirmação, de que as pessoas estavam ali e do que então queriam e mandavam o recado ao Ministério da Educação. Eu acho que isso é um papel importante da Associação, e também ser uma consultadoria, para utilizar o vocabulário que é muito rico lá na minha escola, como também já aconteceu quando foi a questão da Reforma e dos Novos Programas. Acho que é um papel que nós temos que desempenhar com mais força e com mais presença, para não deixarmos as coisas acontecerem ao lado sem termos interferência nelas. E a revista é uma maneira de pôr também as outras pessoas que não estão na Associação a participar nesse debate, nesse protesto e nessa ponta de lança, digamos assim, que nós queremos ser, ou deveríamos querer ser, relativamente às decisões que se tomam em relação à Educação. A revista é uma espécie de bandeira em relação a essas coisas.

## Sabia que...

### — Factos, acontecimentos, curiosidades a propósito dos dez anos da revista e da APM

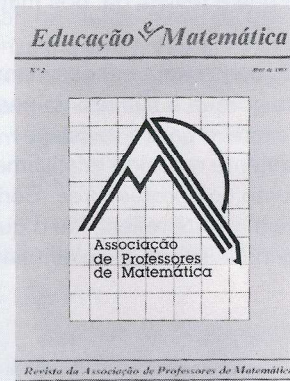
- A secção de notícias do n° 2, divulga uma saudação que Emma Castelnuovo enviara a Leonor Filipe, primeira presidente da APM, pela criação da Associação que soube através do n° 1 da *Educação e Matemática*.
- Durante 1987, primeiro ano de existência da APM, inscreveram-se 600 novos sócios e, no ano seguinte, o número total de associados ultrapassou o milhar. No número dois, a tiragem da revista subiu para 1500, passando para 2000, no primeiro número de 1989. Hoje a edição é de 4200 exemplares para um número de sócios perto dos quatro milhares.
- Foi em 1988 que decorreu, em Vila Nova de Mil Fontes, o seminário sobre a renovação do currículo de Matemática, promovido pela APM. Desse seminário resultou um importante documento que a APM publicou, o famoso livrinho amarelo, por diversas vezes reeditado, e que também foi publicado pelos serviços do Ministério da Educação no âmbito da Reforma Educativa então em curso.
- Nos números 4 e 5 da *Educação e*



Capa do "livrinho amarelo"

*Matemática* foram publicadas as primeiras reacções ao que ia sendo divulgado sobre a Reforma Educativa e sobre a elaboração dos novos programas. O número 9, do 1º trimestre de 1989, divulga o primeiro parecer da direcção da APM sobre os projectos de novos programas.

- No final de 1989 foi editado o primeiro número do *APM informa-*



Capa do n° 2 da *Educação e Matemática*

*ção*, boletim noticioso da Associação que se assume como mais um elo de ligação entre os sócios da APM. Nesse ano, em Viana, o ProfMat reuniu mais de 500 professores.

- Em 1990, no ProfMat das Caldas da Rainha, foi criado o Conselho Nacional da APM que passará a ter reuniões regulares todos os anos. No final desse ano, o número de sócios ultrapassou os 2000.

- No ano lectivo 1991/92, ano da generalização dos Novos Programas, foi publicado um número temático da *Educação e Matemática* inteiramente dedicado à reforma curricular em Matemática. Foi o número 19/20, único número duplo até hoje editado e que iniciou a série de números temáticos que a redacção da revista decidiu, desde aí, passar a publicar uma vez por ano, com distribuição no ProfMat. Para além deste, saíram até hoje 4 números temáticos, sucessivamente sobre os temas "Aplicações e modelação na Matemática escolar" (1992), "História e ensino da Matemática" (1993), "O professor de Matemática" (1994) e "A aula de Matemática" (1995).

- No ProfMat de 1992, em Viseu, o número de participantes chegou perto do milhar.

Alexandra Pinheiro  
Helena Lopes  
Henrique Manuel Guimarães